



Universidade de Cabo Verde
Departamento de Ciências Sociais e Humanas
II Colóquio Cabo-verdiano de Educação

POLÍTICAS E PRÁXIS DA EDUCAÇÃO NAS PERSPETIVAS E EM CONTEXTOS PÓS-COLONIAIS

ATAS DO II COLÓQUIO CABO-VERDIANO REALIZADO NO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA
UNIVERSIDADE DE CABO VERDE

Organizadora

Ana Cristina Pires Ferreira



UNIVERSIDADE DE CABO VERDE
Scientia via est
www.unicv.edu.cv

FICHA TÉCNICA

Título

II Colóquio Cabo-verdiano de Educação – CEDU 2015
Políticas e Práxis da Educação nas Perspetivas e em Contextos Pós-coloniais

Organizadora

Ana Cristina Pires Ferreira

Revisão

Anabela Fortes Moreno
Mariana Faria

Concepção Gráfica

GCI - Gabinete de Comunicação e Imagem da Uni-CV

Edições Uni-CV

Praça Dr. António Lerenó, s/n - Caixa Postal 379-C
Praia, Santiago, Cabo Verde
Tel (+238) 260 3851 - Fax (+238) 261 2660
Email: edicoes@adm.unicv.edu.cv

Copyright©

Organizadora, autores e Universidade de Cabo Verde

ISBN 978-989-8707-23-9

Praia, dezembro de 2015

UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ANGOLA

Rosa Silva; António Carvalho da Silva

Centro de Estudos Africanos (CEAUP); Universidade do Minho (CIED)
rosasil@gmail.com; acsilva@ie.uminho.pt

RESUMO

Com o alcançar da paz em 2002, Angola deu continuidade às mudanças educativas iniciadas em 1975, após a independência.

Essas mudanças sugerem a introdução de novos materiais, de novas metodologias e, conseqüentemente, de um novo perfil do professor.

Partindo da questão *Qual o perfil do professor no pós-independência?*, pretende-se caracterizar os futuros professores de Língua Portuguesa, na província do Uíge, definir as suas expectativas face à formação académica e identificar as suas perspectivas sobre a profissão docente.

Para o cumprimento destes objetivos, optou-se por uma metodologia de tipo qualitativo e como estratégia de investigação a recolha de fichas de caracterização (inquérito com perguntas abertas), junto de alunos do curso de Língua Portuguesa (ensino superior).

A análise de conteúdo destes dados revela um cruzamento entre a identidade e o estado-nação, um estatuto privilegiado na construção da sociedade, um conjunto de dificuldades linguísticas e materiais e o encarar da formação académica como meio para superar essas dificuldades.

Palavras-chave: Professor, língua, identidade, Angola.

1. INTRODUÇÃO

Angola é uma jovem Nação em Paz, após um período de guerra de libertação e outro de guerra civil, que terminou em 2002. Estes períodos de conflito deixaram marcas no país, nomeadamente no sistema de educação.

Após a independência, desenhou-se a primeira reforma educativa que entraria em vigor em 1978. Esta caracterizou-se “essencialmente por uma maior oportunidade de acesso a educação e a continuação dos estudos, do alargamento da gratuidade e aperfeiçoamento permanente do pessoal docente.” (MED, 2011: 7). Em 1986, aquando da realização do diagnóstico ao sistema de educação, verificou-se que o número de alunos que concluíam o ensino primário (4.ª classe) era bastante reduzido, resultado das elevadas taxas de reprovação (Benedito,

2014). Face a estes resultados, iniciou-se a definição de novas políticas educativas, constantemente interrompida pelo agravar do conflito armado (MED, 2011; Benedito, 2014).

Assim, apenas a partir de 2001, com a aprovação da Lei 13/01, de 31 de Dezembro, a Lei de Bases do Sistema de Educação, e com o alcançar da paz em 2002, se tornou possível delinear a segunda Reforma Educativa, implementada ciclicamente entre 2004 e 2012. Esta Reforma visava alterar o cenário deixado pela guerra, expandindo a rede escolar, melhorando a qualidade de ensino e reforçando a eficácia e a equidade do Sistema de Educação (MED, 2011). No entanto, e mesmo que se tenham obtido alguns resultados positivos, ainda há desafios a cumprir a nível da monitoria e avaliação do processo de ensino-aprendizagem, dos sistemas de informação, da formação e da qualidade do ensino-aprendizagem, da melhoria da qualidade e do acesso a materiais didáticos, da melhoria das infraestruturas de formação de professores (MED, 2011; Binji, 2013; Benedito 2014). Na verdade, de acordo com o *Inquérito Integrado sobre o Bem-Estar da População* (INE, 2011), 26% das crianças entre os 6 e os 9 anos de idade nunca frequentaram a escola e o número de professores ainda se revela insuficiente para suprir todas as necessidades do país: foi verificada, porém, uma subida de 32,8% no número de professores e de 14,9% no número de salas de aula, comparativamente com o ano de 2008 (MED, 2012).

Ora, das dezoito províncias que constituem Angola destaca-se, neste estudo, a província do Uíge, onde foram realizadas as consultas empíricas.

A província do Uíge é uma das mais populosas de Angola (Ceita, 2014) e situa-se no norte, a cerca de 315 quilómetros de Luanda. Tem como fronteiras internas as províncias de Zaire, Malanje, Kuanza Norte e Bengo e como fronteira internacional a República Democrática do Congo. Este facto coloca-a numa plataforma linguística diversificada. Tal significa que é rodeada por províncias de língua nacional Kimbundu e Kikongo e pelas línguas Lingala e Francês do país vizinho.

A província do Uíge foi uma das mais afetadas pela guerra civil, facto que resultou na destruição de infraestruturas escolares e na migração de professores para outras províncias à procura de melhores condições de vida e de trabalho (MED, 2011).

Atualmente, a província dispõe de escolas do ensino primário e secundário (ensino geral) em todos os municípios, porém só no município sede (cidade do Uíge) é que existe uma Escola de Formação e Professores (ensino secundário) e um Instituto Superior de Ciências de Educação, no qual se formam professores de várias áreas curriculares, incluindo de Língua Portuguesa.

2. SER PROFESSOR EM ANGOLA

Ser professor em Angola é ser professor num mosaico cultural e linguístico, já que no país coexistem grupos etnolinguísticos de raiz bantu (“Bakongo, Ambundo, Lunda-Quico, Ovimbundu, Ganguela, Nhaneka-Humbe, Ovambo, Herero e Okavambo”), de raiz não bantu (“Koishan”) (Zau, 2002: 38 e 39) e de raiz indo-europeia, no caso a Língua Portuguesa (língua oficial e de escolarização).

Ser professor em Angola passará não só por possuir conhecimentos científicos e metodológicos, mas também conhecimentos linguísticos e culturais, já que língua e cultura são indissociáveis (Cerqueira & Andrade, 2004; Mingas, 2005). O domínio destes saberes será, pois, o ponto de partida para que o professor desenvolva o seu conhecimento implícito da língua e o torne explícito no uso quotidiano, em contexto de sala de aula (Dionísio, 2000; Fonseca, 2001; Rodrigues, 2001). O domínio da língua de escolarização irá, assim, contribuir para “promover o entendimento mútuo e a comunicação eficaz” (PNUD, 2004: 60), pressupostos de uma educação para a cidadania (Nóvoa, 2009).

Nesta linha de pensamento, Ventura (2013) defende a definição de um perfil do professor adaptado ao seu contexto de trabalho. A proposta é que este perfil se atinja logo no final de formação de nível secundário e que se consolide na formação superior, para que

“durante a formação, os futuros professores sejam iniciados aos valores que caracterizam a identidade profissional para a qual se estão preparando e descubram as raízes profundas do que os impele a ser professor, ou seja, descubram em si mesmos e façam crescer em si uma forte paixão educativa que servirá de suporte para perseverar durante o exercício da profissão quando surgirem dificuldades próprias inerentes à profissão.” (Ventura, 2013: 62-63)

3. RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

Os dados que a seguir se discutem fazem parte de um trabalho de investigação, no âmbito do doutoramento em Ciências da Educação, especialidade em Supervisão Pedagógica. Durante o primeiro semestre do ano letivo de 2014 foram recolhidas 184 fichas de caracterização de alunos que frequentavam a disciplina de Metodologia de Investigação Científica, do curso de licenciatura em Língua Portuguesa, no Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge. Esta recolha tinha como objetivos:

- caracterizar os alunos do primeiro ano de licenciatura;
- identificar expectativas sobre a sua formação académica;
- identificar perspetivas/conhecimento sobre a profissão docente;
- traçar o perfil do professor do pós-independência.

Para se atingirem estes objetivos elaborou-se uma ficha de caracterização (inquérito com perguntas abertas), dividida em quatro partes: identificação, domínio e contexto linguístico, motivação académica e ser professor em Angola.

Na análise de conteúdo dos dados recolhidos, optou-se por um procedimento de categorização misto (Amado, 2013). Com esta análise pretende-se, assim, obter uma compreensão holística da temática em estudo (Desai & Potter, 2006).

É de salientar que os alunos revelaram dificuldades no preenchimento das fichas, quer na compreensão do solicitado quer na gestão do tempo necessário. Tal pode justificar-se com a falta de hábito de responder a questionários escritos, em particular quando a questão não termina com um ponto de interrogação, e à quase ausência de reflexão sobre o seu desempenho ao longo do processo de formação.

Das 184 fichas recolhidas, 125 pertencem a alunos do sexo masculino e 59 ao sexo feminino, nascidos entre 1952 e 1995. Destes, 105 já são professores, 45 são apenas estudantes, 15 já exerceram outras funções e 23 não responderam à questão sobre funções exercidas.

No que diz respeito ao domínio linguístico, todos os sujeitos falam pelo menos duas línguas (ex., Português e Kikongo), ainda que alguns refiram falar três (ex., Português, Kikongo, Lingala) ou quatro (ex., Português, Kikongo, Lingala, Francês).

Relativamente às expectativas para o ano letivo de 2014, os sujeitos referiram: superar dificuldades e conseguir transitar de ano. Para tal precisavam de ter “boa assimilação”, “êxito” e uma professora “pacífica” e “ser bom investigador”.

Ser professor no Uíge acarreta um conjunto de desafios relativamente à língua de escolarização, ao sistema educativo, nomeadamente o entendimento do que é (ou foi) a Reforma Educativa, ao acesso a materiais didáticos e à formação. Vejamos, pois, o que os sujeitos de investigação consideram sobre cada um destes componentes do sistema de educação:

- **língua de escolarização:** deve ser dominada pelo professor, assim como as metodologias de ensino e o saber trabalhar com materiais didáticos para facilitar as transmissões de conhecimentos. Realçam os inquiridos que é importante que os professores se esforcem para ajudar a ultrapassar as dificuldades linguísticas que se identificam no país; assim, é necessário que o professor se adapte aos seus alunos. Também consideram que a língua de escolarização permite transmitir a cultura. Porém esta língua não é falada por todos os professores e por todos os alunos, em particular nas zonas rurais, o que dificulta a transmissão e a aquisição de conhecimentos.
- **sistema educativo:** neste tópico foi referida várias vezes a Reforma Educativa introduzida pela Lei de Bases do Sistema de Educação (Lei 13/01) e apontadas as suas vantagens e desvantagens. Para além desta associação, foram apontadas as seguintes fragilidades do Sistema de Educação: falta de formação específica para professores, materiais didáticos não apropriados para a reforma educativa, falta/insuficiência de materiais didáticos, existência de um sistema de avaliação, dificuldades na adaptação do sistema administrativo, esforço das famílias e da sociedade para a melhoria do sistema, e a corrupção. Há igualmente quem considere que antes da Reforma Educativa os alunos aprendiam mais porque eram castigados. Não obstante, as fragilidades apontadas consideram que houve avanços no sistema de educação, nomeadamente na educação de adultos com os programas de alfabetização.
- **reforma educativa:** consideram que tem vantagens (evolução das metodologias e do desempenho do professor, passagem automática em algumas classes, material didático, merenda escolar, aceleração na formação de quadros, avaliação contínua, melhoria das condições a nível dos materiais e da redução do número de alunos por turma) e desvantagens (mau estado das vias de acesso e falta de condições para estudar, destruição das novas gerações; transição automática de classes, que forma alunos sem qualidade, já que transitam sem conhecimentos (esta é considerada a causa para os alunos

não saberem ler nem escrever); quantidade de cábulas feitas pelos alunos; os professores sem formação, por isso não conseguem preparar as aulas nem cumprir os pressupostos da Reforma Educativa, mais de 50/60 alunos por turma (excesso); a exigência de novos materiais obrigará o professor a deslocar-se para investigar, por isso ser professor é ser paciente, humilde e ter amor aos outros, para lhes despertar o gosto pela aprendizagem; número de escolas insuficiente para o número de alunos; para planificar o professor precisa de materiais; monodocência. Estas desvantagens fazem com que os alunos cheguem ao ensino superior a ler e a escrever mal). Nota-se ainda um desconhecimento do processo de implementação da Reforma Educativa, pois há quem considere que é um Sistema implementado pela UNESCO ou que ainda está em fase de experimentação porque não identifica grandes mudanças no Sistema de Educação. Há quem considere que este sistema trouxe melhorias, em particular no sistema de avaliação, porém requer muita paciência por parte dos professores.

- **materiais didáticos:** há dificuldades de acesso, já que quase não existem livrarias nem bibliotecas. Os materiais que existem são caros, pois apenas são oferecidos pelo Ministério da Educação no ensino primário.
- **formação:** é considerada um desafio porque está em processo de desenvolvimento, porque ainda há muitos professores sem formação específica para a sua área de lecionação (“trabalham por curiosidade”). Faltam instituições que ofereçam boas condições de formação, quer a nível de infraestruturas quer a nível dos materiais disponibilizados e dos docentes. Porém, reconhecem que a capacitação de professores é uma das grandes preocupações do Ministério da Educação.
- **outras informações:** o professor é, ainda, definido como “o combatente da linha da frente”, o “formador do homem novas/gerações vindouras”, “espelho da comunidade/sociedade/nação”, desempenha um papel na reconstrução social. No exercício da atividade docente, são identificadas as seguintes dificuldades: “trabalhar num país em desenvolvimento”, ter de lidar com pessoas de vários grupos sociais, dificuldades das vias de acesso e das distâncias percorridas para trabalhar e estudar, trabalhar no meio rural, o aparecimento da reforma educativa, a existência de escolas debaixo das árvores, a gestão do tempo disponível para a aprendizagem, o número insuficiente de salas de aula e de professores (em alguns municípios um professor é responsável por cinco classes), o elevado número de responsabilidades, a persistência da corrupção. Dadas estas dificuldades, alguns (futuros) professores consideram que ser professor é um sacrifício e que a imagem do professor está desvalorizada (salário insuficiente), por isso é necessário ter “vontade, empenho e dedicação”.

A partir da análise das fichas de caracterização, pode traçar-se o seguinte **perfil do professor no pós-independência**:

- multilingue: fala a língua de escolarização e, pelo menos, uma língua nacional (a da província da sua área de residência – Kikongo - ou dos pais – Kimbundu, por exemplo);
- contexto familiar e social multilingue: os pais falam pelo menos duas línguas cada um, por vezes são línguas diferentes umas das outras. Nas relações sociais, a comunicação acontece em mais do que uma língua, dependendo com quem se está a interagir;
- apresenta dificuldades de base a nível do domínio da língua de escolarização, nomeadamente a nível da leitura e da escrita;
- pouco domínio de línguas estrangeiras, o que não lhe permite o acesso a outros conhecimentos, mesmo enquanto aluno do ensino superior;
- necessidade de adaptação ao contexto linguístico onde exerce funções, já que em determinados municípios precisa recorrer à língua nacional para expor os conteúdos letivos;
- representante social e com forte sentido patriótico: considera que deve contribuir para o desenvolvimento do país, pois define-se como “pai” e como espelho da comunidade;
- suscetível às mudanças sociais e económicas: reconhece que a imagem do professor mudou e que nem sempre é valorizada, pois não auferem um salário suficiente, nem tem acesso a materiais didáticos e a formação especializada, em número que considere suficiente;
- capacidade de reflexão sobre as suas funções, ainda que tal não ocorra de modo estruturado;
- conhecimento irregular do sistema de educação, uma vez que não tem acesso aos documentos reguladores, facto que justificará algum desconhecimento do processo da Reforma Educativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *professor do pós-independência* parece ser um professor que suporta todo um peso histórico e bélico, que fragilizou o sistema educativo. Um professor que ainda revela inúmeras dificuldades na base do que é ser professor, isto é, os conhecimentos linguísticos, técnicos e metodológicos, como aponta o Plano Mestre de Formação de Professores em Angola:

“(...) a profissão docente requer conhecimentos e competências que só podem ser obtidos no âmbito de uma formação profissional de elevado nível científico e pedagógico, pelo que a formação deve ser entendida como um processo permanente de mudança que começa quando o futuro docente tem acesso a formação inicial, a primeira etapa de um percurso que deverá manter-se ao longo de toda a carreira profissional.” (MED, s/d: 3).

Para que a profissão docente deixe de ser entendida como “o único meio que [o professor] tem para sobrevivência” (Ventura, 2013: 46) será necessário criar condições motivadoras para o exercício da profissão, nomeadamente traçar uma estratégia formativa que responda às necessidades de cada contexto (Bennell, 2007; Sifuna & Sawamura, 2010), que inclua uma supervisão efetiva do trabalho do professor, para que paulatinamente supra as dificuldades enunciadas, através da reflexão sobre a sua ação. E uma estratégia que não deixe os alunos do ensino geral sem professor durante longos períodos, pois tal condiciona a aprendizagem, a melhoria da qualidade da educação e o acesso à educação nos meios rurais, pois

“In any system of education, teachers play a highly significant role. Not only are they agents of state responsible for the inculcation of vital skills and knowledge as well as moral values, they are also agents of change functioning as community leaders, especially in the remote settlements and urban slums.” (Sifuna & Sawamura, 2010: 13).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amado, João *et alli* (2013). “A técnica de análise de conteúdo”. In *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bennell, Paul & Akypeampong, Kwame (2007). *Teacher Motivation in Sub-Saharan Africa and South Asia*. Londres: DFID.
- Benedito, Narciso Damásio dos Santos (2014). “Reforma Educativa: Um olhar Sobre a Melhoria da Qualidade do Ensino e da Formação”. In José Carlos Morgado & Alberto Domingos Quitambo (org.) *Currículo, Avaliação e Inovação em Angola, Perspetivas e Desafios*. Benguela: Ondjiri Editores.
- Binji, Pedro (2013). *A Reforma Educativa em Angola. O Desafio da Construção duma Escola Libertadora*. Padova: Centro Missionario dei Cappuccini.

- Ceita, Camilo (dir.) (2014). *Resultados Preliminares do Recenseamento Geral da População e da Habitação de Angola 2014*. Luanda: Instituto Nacional de Estatística.
- Cerqueira, Aurora & Andrade, Ana Isabel (2004). “Alunos com Português Língua Não Materna: um Estudo das Representações dos Professores em Diferentes Graus de Ensino”. In Maria Helena Araújo e Sá *et alii* (coord.). *Transversalidades em Didáctica das Línguas*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Desai, Vandana & Potter, Robert B. (ed.) (2006). *Doing Development Research*. Londres: SAGE Publications.
- Dionísio, Maria de Lourdes da Trindade (2000). *A Construção Escolar de Comunidades de Leitores*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Fonseca, Fernanda Irene (2001). “Linguística Aplicada ou Linguística Aplicável”. In Fernanda Irene Fonseca *et alii* (org.). *A Linguística na Formação do Professor de Português*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Instituto Nacional de Estatística (INE) - Ministério do Planeamento (2011). *Inquérito Integrado sobre o Bem-Estar da População – IBEP. Relatório Analítico – Vol. I*. Luanda: Instituto Nacional de Estatística.
- Mingas, Amélia (2005). “Língua versus fala: a questão angolana”. In Maria Helena Mira Mateus & Luísa Teotónio Pereira (org.). *Língua Portuguesa e Cooperação para o Desenvolvimento*. Lisboa: Edições Colibri e CIDAC.
- Ministério da Educação (MED) (2011). *Balanço da Implementação da Reforma Educativa nos Subsistemas de Ensino. Educação. Educação Pré-Escolar, Ensino Geral, Formação de Professores e Ensino Técnico-Profissional*. Luanda: Comissão de Acompanhamento e Avaliação da Reforma Educativa.
- Ministério da Educação de Angola (MED). (s/d). *Plano Mestre de Formação de Professores em Angola*. República de Angola: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação de Angola (MED), Departamento Ministerial da Educação da República de Angola (2012). “Principais Indicadores da Educação 2008-2012”. Disponível em <http://www.med.gov.ao/VerNoticia.aspx?id=15416> [consultado a 27 de dezembro de 2012].
- Nóvoa, António (2009). *Professores Imagens do Futuro Presente*. Lisboa: Educa.

- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2004). *Relatório de Desenvolvimento Humano 2004 – Liberdade Cultural num Mundo Diversificado*. Lisboa: PNUD e Mensagem.
- Rodrigues, Sónia Valente (2001). “A Consciencialização Linguística como Componente Fundamental na Formação Inicial do Professor de Português”. In Fernanda Irene Fonseca *et alii* (org.). *A Linguística na Formação do Professor de Português*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Sifuna, Daniel Namusonge & Sawamura, Nobuhide (2010). *Challenges of Quality Education in Sub-Saharan African Countries*. Nova Iorque: Nova Science Publishers, Inc.
- Ventura, José Fernando Boa (2013). *Como pensar a formação dos Professores em Angola*. s/l: Proget Edizioni.
- Zau, Filipe (2002). *Angola: Trilhos para o Desenvolvimento*. Lisboa: Universidade Aberta.